

Teatro

Textos publicados e inéditos

Alves Redol



BIBLIOTECA
DE AUTORES
PORTUGUESES

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.LIVROS
editorial.apoiocliente@incm.pt
© Alves Redol
© 2013, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Capa: INCM
Tiragem: 1000 exemplares
1.ª edição: Março, 2013
ISBN: 978-972-27-2041-0
Depósito legal: 349 670/12
Edição n.º 1019033

Teatro
Textos publicados
e inéditos
Alves Redol

ORGANIZAÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS
DE MIGUEL FALCÃO

Durante algum tempo, talvez duas horas,
vamo-nos aproximar de uma fronteira qualquer

[prefácio a *Fronteira Fechada* (1972)]

Nota do Editor [da edição de 1972]

Embora não tenha sido incluído na versão definitiva de *Fronteira Fechada*, foi encontrado no espólio de Alves Redol um texto por ele escrito para figurar como eventual introdução a essa sua peça de teatro, até hoje inédita e nunca levada à cena.

Por nos parecer que se reveste o texto em questão de um vincado interesse documental, na medida em que contribui para uma melhor integração do leitor na ambiência em que vai decorrer a acção, e ainda para uma mais completa caracterização das personagens, foi resolvido, de acordo com os herdeiros do autor, publicá-lo, mesmo na sua forma inacabada.

Justifica-o, além do mais, afigura-se-nos, o facto de ele conter também algumas sugestões que poderão ser úteis a um futuro encenador.

Durante algum tempo, talvez duas horas, vamo-nos aproximar de uma fronteira qualquer. Criaremos juntos (texto, encenador, actores e público) o clima possível para a realidade teatral deste conflito inventado sob a carne viva de um drama quotidiano. A invenção é uma das formas do real.

Ficaremos perto, ou dentro também, de um entroncamento de almas e de destinos, sem outro gosto que não seja o de penetrarmos um pouco mais nas camadas subjacentes de nós próprios. Vivendo uma situação concreta, construamos primeiro e desvendemos depois certos mistérios da nossa humana condição, mistérios que permanecem enquanto receamos clarificá-los, talvez com medo de nos conhecermos.

Forjemos então uma dessas situações em que o homem (cada um de nós, portanto) se despenha no fundo do abismo donde saiu pouco a pouco, durante séculos, e para onde regressa muitas vezes, num só golpe, como se a raiz o puxasse para a origem, querendo vê-lo recomençar a experiência doutra aventura. São típicos dessas vicissitudes as angústias individuais ou os desvarios colectivos, o desespero que conduz do medo ao pânico, a carreira alucinante das obsessões, ou ainda, entre tantas outras, a ansiedade indomada pela sobrevivência. (Neste último figurino, tanto se pode vestir a capa torpe da avareza ou da cobardia, como o manto iluminado da heroicidade.)

Caminhemos, pois, para a fronteira onde iremos viver. Saibamos antes que, para além dela, homens e mulheres simples semearam com a imaginação a fuga apetecida para a morte civil a que se haviam